



DESENHANDO E CONTANDO MINHAS HISTÓRIAS DE CRIANÇAS: UMA TURMA DE INFANTIL II NA UNIDADE DE EDUCAÇÃO INFANTIL SARAIVA FILHO

*READING AND WRITING MY CHILDREN'S STORIES: A KINDERGARTEN
CLASS II AT THE SARAIVA FILHO EARLY CHILDHOOD EDUCATION UNIT*

Dejane Figueiredo Barros 1

Resumo: *O presente artigo tem como objetivo geral apontar os desenhos das crianças pequenas como ferramenta para a realização de textos autorais. E como objetivos específicos: analisar junto às crianças da pré-escola, suas leituras e escritas desenvolvidas no espaço escolar, identificar crianças escritoras e leitoras da pré-escola da rede pública municipal de ensino de São Luís do Maranhão e apreciar os desenhos das crianças pequenas, como forma de contar suas próprias histórias. A pesquisa tem abordagem qualitativa, exploratória e de campo realizada com crianças. Verificamos que as crianças que gostam de desenhar conseguem, ao visualizar os desenhos, realizar a interpretação dos mesmos. Concluímos que o desenho está inserido no contexto educacional e que devemos utilizar procedimentos e métodos pedagógicos específicos, reais, apropriados à nossa necessidade. A responsabilidade do educador é trazer algo significativo, motivador e envolvente, adequado à cada faixa etária e por outro lado, que seja adaptável às necessidades do educando.*

Palavras-chave: *Educação Infantil. Desenhos Infantis. Crianças Escritoras. Crianças Leitoras.*

Abstract: *The present article has as general objective to point out the drawings of small children as a tool for the realization of authorial texts. And as specific objectives, to analyze with preschool children, their reading and writing developed in the school space; to identify preschool children who are writers and readers, from the municipal public school system in São Luís do Maranhão and to appreciate the drawings of young children, as a way of telling their own stories. The research has a qualitative, exploratory and field approach carried out with children. We found that children who like to draw can, when visualizing the drawings, perform their interpretation. We conclude that the drawing is inserted in the educational context, we must use specific, real pedagogical procedures and methods, appropriate to our needs. The educator's responsibility is to bring something meaningful, motivating and engaging, suitable for each age group and, on the other hand, that is adaptable to the needs of the student.*

Keywords: *Child education. Children's drawings. Writer children. Reading children.*

1 Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica (PPGEEB) da Universidade Federal do Maranhão, e docente da rede estadual de ensino de São Luís do Maranhão. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8181926602253036>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0707-8551>. E-mail dejane.fb@gmail.com



Introdução

Os processos de escrita e leitura são em grande parte os objetivos a serem alcançados em qualquer etapa da educação Básica. Todavia, o alcance dessas habilidades de ler e escrever na Educação Infantil, mais precisamente na pré-escola com crianças de 4 (quatro) a 5 (cinco) anos de idade, é promovido de modo tímido. A formação de leitores e escritores, vai além do ato de somente codificar e decodificar as letras, mais propriamente, os sinais gráficos.

Ao exposto acima, Ferreiro; Palácio (1987, p. 21) sintetizam:

Geralmente as escolas têm operado com o princípio de que a leitura e a escrita devem ser ali ensinadas. A instrução tradicional de leitura se baseia no ensino de sinais ortográficos, nomes de letras, relação letra-som, e assim sucessivamente. Está focalizada habitualmente em aprender a identificar as letras, sílabas e palavras.

Na tarefa de criar espaços para que nossas crianças pequenas alcancem imediatamente a escrita, nas Instituições Educativas, muitas vezes, são desenvolvidas atividades mecânicas de escrita, como por exemplo, só traçar os sinais gráficos, as letras, que fazem com que as crianças percam o interesse de uma escrita por deleite, e sucessivamente, atingindo a leitura, essa sensação de insatisfação.

Vale esclarecer, como está dividida essa etapa da educação básica, para assim identificarmos a faixa etária dessas crianças que farão parte da pesquisa. Logo a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2018), esclarece:

Reconhecendo as especificidades dos diferentes grupos etários que constituem a etapa da Educação Infantil, os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento estão sequencialmente organizados em três grupos por faixa etária, que correspondem, aproximadamente, às possibilidades de aprendizagem e às características do desenvolvimento das crianças [...]. Na creche, temos: Bebês (zero a 1 ano e 6 meses) e Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses).

Na pré-escola, temos: Crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses). BNCC (BRASIL, 2018, p.44)

Assim sendo, vale refletir a BNCC (2018) no que diz respeito aos Direitos de Aprendizagem em Desenvolvimento na Educação Infantil: "[...] Expressar, como sujeito dialógico, criativo e sensível, suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões, questionamentos, por meio de diferentes linguagens. [...]" (BRASIL, 2018, p. 38).

Diante desse enredo, empreendemos essa pesquisa com crianças, onde evidenciamos crianças pequenas que podem escrever e ler textos autorais. Dessa forma, no que se refere aos campos de experiência na Educação Infantil, temos o Campo que menciona a escuta, fala, pensamento e imaginação: "Na Educação Infantil, a imersão na cultura escrita deve partir do que as crianças conhecem e das curiosidades que deixam transparecer" (BRASIL, 2018, p. 42).

Diante da necessidade de identificarmos quem é essa faixa etária e de demonstrar essa competência comunicativa e os caminhos a percorrer para que seja efetivada de modo prazeroso o processo de aprendizagem para essas crianças pequenas. Nessa ambiência, Ferreiro; Palácio (1987, p.15) refletem que: "O êxito da leitura dependerá também do modo como leitor e escritor concordem quanto às maneiras de utilizar a linguagem, tanto em seus esquemas conceptuais como em suas experiências vitais".

Por isso entendemos que o desenho infantil é uma linguagem que facilitará o estímulo à escrita e leitura de crianças da pré-escola, já que acreditamos ser uma linguagem muito usada nessa etapa da educação. Fortalecendo o entendimento de que vão ler e contar o que habita seu universo. E, como resultado, teremos histórias para crianças contadas e escritas por elas mesmas.

Isto posto, é necessário refletir sobre os conceitos atuais de leitura e escrita que agora

envolvem o mundo das tecnologias. Ribeiro (2018, p.85) nos faz entender que: "As técnicas e tecnologias da escrita de que dispomos hoje são mais uma fase da história, que não despreza nenhuma outra anterior". Devemos também levar em consideração que as crianças têm um mundo anterior à escolarização. Isto é, antes de ser leitora e escritora num processo de escolarização, como é o caso de crianças que iniciam o ensino fundamental, essas crianças e as crianças da creche e pré-escola já detêm suas leituras e escritas de mundo, porque, afinal, interagem com o que as cercam.

No tocante, ao notarmos as crianças pequenas como exímias leitoras e escritoras, a presente pesquisa se endossa com as ações e manifestações executadas, promovidas pelas mesmas, ao buscar o ato de desenhar como manifesto de suas criações textuais.

A respeito da intenção de pesquisa, a mesma surgiu por apreciar o desenvolvimento de ler, escrever e, conhecer, ver esses atos de leitura e escrita nessa etapa da educação será algo satisfatório. Ademais, tem o fato de estar cursando mestrado profissional no Programa de Pós-Graduação de Ensino da Educação Básica (PPGEEB/UFMA). E também, enquanto integrante do Grupo de Pesquisas, Educação, Infância & Docência (GEPEID-UFMA), o qual nos faz compreender vários aspectos da Educação Infantil.

No que se refere à experiência profissional enquanto pesquisadora, apontamos o trabalho docente como professora da Rede Estadual de Ensino, onde são desenvolvidos o ensino e prática da língua Espanhola, isto significa que intenta promover as habilidades de ouvir, falar, ler e escrever nesse idioma estrangeiro. Além de atuar, desde 2012 até os dias atuais, grande parte do ofício¹, como diz Silmara Papi (2005), esta ação é promovida de modo a estimular leitura e produção textual.

Dessa forma, temos como problemática central de nosso trabalho: Como os desenhos das crianças pequenas podem fomentar a leitura e escrita de textos autorais? Portanto, pretendemos demonstrar que as crianças de 4 (quatro) a 5 (cinco) anos de idade podem ser autoras e leitoras de seus escritos, precisam ser vistas nas Instituições Educativas como esse agente ativo de seus próprios modos de representar a linguagem, linguagem esta que anuncia sua maneira de interpretar o mundo.

Diante do que foi exposto, o nosso trabalho tem como objetivo geral, apontar os desenhos das crianças pequenas como ferramenta para a realização de textos autorais. E como objetivos específicos: analisar junto às crianças da pré-escola suas leituras e escritas desenvolvidas no espaço escolar; conhecer crianças leitoras da pré-escola da rede pública municipal de ensino de São Luís do Maranhão; identificar crianças escritoras da pré-escola da rede pública municipal de ensino de São Luís do Maranhão e apreciar os desenhos das crianças pequenas, como forma de contar suas próprias histórias.

Em concordância com as concepções aqui apresentadas, tentaremos anunciar as crianças pequenas escrevendo e lendo seus próprios textos e, para isso, criar espaços para a expressão de suas linguagens oral, visual e motora (os desenhos). E assim divulgar vozes² dessas crianças, que têm seus conhecimentos e saberes, muitas vezes, oprimidos e tolhidos.

O que se espera da Leitura e da Escrita das crianças do infantil II

A reflexão de Emília Ferreiro, nos faz aguçar essa intenção de pesquisa, já que partimos de proposições que identificam as crianças pequenas como pretensas escritoras e leitoras de seus próprios textos, sendo que, como finaliza o entendimento de Emília Ferreiro, a criança deve ser vista como um ser que pensa, pode essa criança olhar ou ter deficiência visual, ouvir ou ser uma criança surda, ou quaisquer outra deficiência, independente disso, é um ser que pode e deve expor suas culturas, e no caso deste trabalho, expor essa cultura por intermédio de seus desenhos infantis.

Esta pesquisa foi realizada na Unidade de Educação Básica Saraiva Filho, uma escola da rede pública municipal de ensino, que se encontra na zona rural de São Luís - MA, atendendo da pré-escola ao 5º ano, nos turnos matutino e vespertino. Os sujeitos da pesquisa foram 11 crianças

1 O ofício lhe atribui tarefas a desenvolver, que vão aprimorando conhecimentos, habilidades, talentos, dons, dentre outros.

2 Palavras da autora: Porque cada criança tem sua experiência única, singular a nos contar, que são suas vivências, experiências, sua forma de ver e interpretar o mundo.

da turma do infantil II, no turno vespertino. No meu primeiro encontro com a escola solicitei a permissão para desenvolver o projeto e escolhemos a turma que seria o *lócus* da pesquisa.

[...] fui solicitar a permissão para poder desenvolver meu projeto de pesquisa com crianças, extinguindo esse trabalho, especificamente crianças pequenas. [...] com a Sr.^a Eunice (gestora) decidimos pela professora Luciana, decisão feita ao passo que a educadora Luciana adentrou à sala da secretaria onde conversávamos. E prontamente a professora aceitou desenvolver o trabalho em sua sala de aula (BARROS, 2022, p. 1).

Após esse primeiro encontro com a gestão, combinamos uma reunião com os mães, pais ou responsáveis, onde explicamos sobre a pesquisa e solicitamos a autorização, com a assinatura dos termos de ""Esclarecimento Livre e Esclarecido"" e a "Autorização para o uso de imagens, voz e respectiva cessão de direitos". No meu primeiro dia com as crianças, fizemos uma roda de conversa, onde explicamos o motivo da minha presença na sala, e apresentei o termo de "Assentimento da Criança".

[...] ainda sentada no chão com as crianças, falei a respeito de minha pesquisa, dizendo que já havia falado com suas mães, pais e responsáveis, em que a grande maioria foram mães. As crianças mostraram-se bastante entusiasmadas, todas disseram gostar de desenhar, que podia tirar suas fotos, gravar sua vozes, algo que deixam bem claro, já que esse agir seria fundamental para gerar os dados da pesquisa [...] as crianças assinam seus nomes no termo de assentimento das crianças, como é lindo ver o caminhar de sua decodificação a partir de seus mundos (BARROS, 2022, p. 3).

Após a assinatura do termo de assentimento pelas crianças, concluímos a roda de conversa e elas seguiram às suas carteiras para que desempenhassem suas atividades. Verifiquei que a rotina da sala é dinâmica. A professora verifica o alfabeto com as crianças, que correspondem prontamente, trabalha a letra "C" com o texto "Corre cotia" livro didático e caixa de areia³. "Durante o texto, grande maioria das crianças foram até o quadro branco, identificar as letras. Em seguida fizeram atividade do livro, dando continuidade agora à escrita da letra estudada" (BARROS, 2002, p. 3). As crianças pintam, utilizam massinha, blocos de montar, praticaram dobradura, escrevem na agenda, desenham, atividades diversificadas que favorecem o desenvolvimento infantil.

A nossa pesquisa tem uma característica que vai muito além de somente apontar "dentidades; Tipos de Pesquisa; e Definição" (PEREIRA; 2019, p. 26-27). Desse modo, a ação investigativa é muito relevante para que possamos agir e reagir com as lentes que demonstram esse grupo que está construindo a pesquisa, que são as crianças. É notório que investigar não é uma atividade corriqueira, que se faz sem preceitos, direções.

Contudo, pesquisar a partir das vozes das crianças, é tarefa que requer uma escuta e olhares bem atentos. Assim, Miotello (2018, p.36), afirma: "[...] a gente escuta é com tudo: é com olho, é com a alma, é com a posição do corpo, é com o modo como a gente está voltado para o outro; escutar é um processo inteiro, não é só 'ouvir', ouvir é o som, [...] escutar é com a minha pessoa inteira [...]".

Durante a nossa observação do dia 05 de setembro, a professora iniciou com o bloco de montar e as crianças fizeram suas artes diversas nos blocos. Aproveitamos as criações, invenções nos blocos pelas crianças e pedimos que dissessem o que produziram, o que fizeram com os blocos, solicitando que nomeassem suas idealizações e conseqüentemente contassem suas histórias.

Percebemos que as aulas são dialógicas propiciando as aprendizagens das crianças, conforme o relato do diário de bordo do dia 12 de setembro de 2022:

3 Palavras da educadora Luciana "Caixa de areia trabalha coordenação motora fina, escrita livre e direcionada".

A professora Luciana sentou na roda com as crianças, conversou com as mesmas... onde relataram diversos ocorridos, como: Isabelle, diz: "... fui ao supermercado... minha mãe ficou esperando meu pai..."

A professora Luciana aproveitou o "gancho" e perguntou, indagou às crianças perguntando o que é mais leve e o que é mais pesado... as crianças corresponderam muito bem apontando acertadamente a noção de leve e pesado.

Em seguida dialogam sobre a Expoema⁴, já que uma aluna apontou a temática...sendo assim, as crianças elencaram que animais são leves e quais são pesados.

As crianças, juntamente com a professora Luciana foram para a prática, com objetos diversos, por exemplo, tinta, grameador, giz de cera, fita corretiva, etc.; observa-se que a professora utiliza objetos que faz uso no seu ofício de ser educadora, professora. Além de a "balança" ter sido confeccionada pela professora (BARROS, 2002, p. 6)

Vale destacar que a professora Luciana, anterior à prática do "Leve e pesado", contou às crianças a história "A casa sonolenta", tendo como personagens a vovó, o sobrinho, o cachorro, o gato, o rato e no final temos a pulga que fora a personagem que não tem confeccionado.

Diante dessa circunstância, que é pesquisar com crianças e não sobre crianças, assim dizendo, devemos apontá-las como produtoras de conhecimentos. Desse jeito, Souza; Castro (2008) citados por Buss-Simão (2014, p.42), dizem: "[...] em vez de pesquisar a criança, com o intuito de melhor conhecê-la, o objetivo passa a ser pesquisar com a criança as experiências sociais e culturais que ela compartilha com as outras pessoas de seu ambiente". Sendo assim, devemos apontar que as crianças pequenas são capazes de construir suas próprias histórias por meio da linguagem que lhes for peculiar.

O que encontramos: o que as crianças gostam de ler

Durante a nossa pesquisa verificamos o grupo de crianças que gostava de desenhar, pois é a linguagem artística que delimita nossa pesquisa. Daqui em diante, as crianças que gostam de desenhar, construirão seus desenhos e, a partir dos mesmos, elas, as crianças, interpretam oralmente suas leituras de mundo materializadas nos seus desenhos. Dentre as respostas, destacamos:

Ágatha - *Eu gosto muito de desenhar, porque vovó não deixa eu trazer o meu material, porque eu estou gripada e eu não posso vim hoje, porque eu estou gripada [...] também mamãe está grávida, mamãe não pode vim comigo para a escola. Só titio [...] e eu. Porque eu estava doente [...] eu não vim para a escola porque eu estava [...] e também eu estou gripada.*

Siane – *Gosto de fazer o ABC.*

Icaro – *Gosto de fazer a floresta e os animais, e como eu não sei fazer os animais, eu faço de outra forma. [...] quando eu crescer eu vou querer fazer qualquer coisa, eu vou ser artista, eu vou ter as minhas coisas em casa [...] então os meus filhos também vão ter isso [...] a minha avó cuida de um animal e eu cuido de outro [...].*

Allyce – *Eu gosto de escrever todos os animais [...], nossos pais [...]. (Informação verbal)⁵*

⁴ Exposição Agropecuária do Maranhão, organizada pela Associação dos Criadores do Estado do Maranhão (Ascem), com apoio do Governo do Estado.

⁵ Respostas das crianças entrevistadas.

Vale frisar que as temáticas/histórias abordadas nos desenhos são de livre escolha das crianças, nesse contexto, são elas que decidem o que desenhar e o significado de cada desenho. Derdyk (1989, p. 95), corrobora:

A interpretação verbal que a criança realiza ao ver ou fazer o seu desenho muitas vezes se transforma numa outra "estória". Às vezes é pura constatação, em outras, é atribuição de valor. O signo visual é aberto, contém um feixe grande de possíveis significações. [...] Muitas vezes, a interpretação verbal efetuada pela criança é mais rica e criativa que o próprio desenho, sendo este o suporte da fala, da narração verbal.

Dessa forma, gravamos as vozes das crianças para depois codificar por meio das letras-sinais gráficos, isto é, os símbolos linguísticos que representam o português do Brasil, mais precisamente, de São Luís do Maranhão e todo o arcabouço social que traz um falante nativo de sua língua e, assim, passando as ideias refletidas por elas mesmas em seus desenhos, enriquecidas de sua linguagem individual que representa seu grupo social, sua idade, o local onde mora e, principalmente, seu grupo familiar.

Faz-se necessário o entendimento acerca do desenho, para especialistas na arte de desenhar, onde Derdyk (1989, p. 18) diz:

O desenho possui uma natureza específica, particular em sua forma de comunicar uma ideia, uma imagem, um signo, através de determinados suportes: papel, cartolina, lousa, muro, chão, areia, madeira, pano, utilizando determinados instrumentos: lápis, cera, carvão, giz, pincel, pastel, caneta hidrográfica, bico-de-pena, vareta, pontas de toda a espécie (DERDYK, 1989, p. 18).

Verificamos, de acordo com o que expõe Derdyk (1989), que o desenho assim como sendo um tipo de linguagem, necessita de suportes necessários para o seu desenvolvimento. Por se tratar a pesquisa do desenho infantil em espaço escolar, muitas vezes esses suportes são restritos à estrutura da escola e, até mesmo, às condições financeiras, pois abrangem crianças de baixo poder aquisitivo que muitas vezes nem se quer possuem um lápis ou caderno para materializar suas atividades manuais.

Vale refletir sobre a criança em seu ato de desenhar. Saber como elas se comportam durante essa ação é pertinente para poder interagir, de modo a contribuir no papel de receptora de suas informações, para que esse desempenho ocorra de modo harmônico, acolhedor e prazeroso pois, "a prática do desenho, seja em casa ou na escola, e nesta última em todos os níveis de ensino, é considerada uma prática social, portanto, suporte de representações sociais que podemos conhecer" (GOBBI, 2012, p. 136).

Contribuindo para essa compreensão, Derdyk (1989, p. 19) interroga: "E a criança, como desenha?" E o mesmo responde:

"A criança enquanto desenha, canta, dança, conta histórias, teatraliza, imagina, ou até silencia. O ato de desenhar impulsiona outras manifestações que acontecem juntas, numa unidade indissolúvel, possibilitando uma grande caminhada pelo quintal imaginário" (DERDYK, 1989, p. 19).

Dessa maneira, notamos que quando atuamos com as crianças, temos que ter em mente que saber de suas atitudes comportamentais e psicológicas contribui favoravelmente para adquirir e gerar dados consoantes ao público em questão, dados esses que possam cada vez mais se aproximar de seu público-alvo, que nesse momento são crianças pequenas.

A partir do que diz Derdyk (1989, p.55) sobre o que pode manifestar o desenho, "[...] antes de mais nada, é medo, é opressão, é alegria, é curiosidade, é afirmação. Ao desenhar, a criança passa por um intenso processo vivencial e existencial." Vale também refletir que o desenho infantil é um de seus meios mais significativos de materializar sua comunicação, "aqui os desenhos são

concebidos como representações do mundo, ao mesmo tempo em que se constituem como objetos do mundo da representação, revelando-se nas relações com o universo adulto e infantil" (GOBBI, 2012, p. 136), muitas vezes não estamos preparados, capacitados para interpretar o que possa ser exposto pelas crianças, como seus medos, experiências de diversos tipos de violência e muitos outros vividos por esses pequenos, ouvir o que as crianças têm a dizer de suas linguagens não verbais é um trabalho que requer sensibilidade e percepção minuciosos.

A linguagem, os sistemas de referência que constitui para a possibilidade da comunicação, não são somente o resultado de um trabalho social, uma herança que se adquire passivamente; a aquisição da linguagem e seu desenvolvimento somente se conseguem em ambientes de rica interação social (FRANCHI, 1984, p. 49).

Enquanto iniciante das artes de conhecer, interpretar as nuances da Educação Infantil no âmbito das Instituições Educativas da rede pública municipal de São Luís - MA, e os seus principais protagonistas, que são as crianças, vemos, como é grandioso o estímulo de pesquisar com as crianças sobre seu instigante mundo imaginário de traçar linhas que possam descrever suas aprendizagens não somente no que se refere às linguagens, mas além disso, que exponham seus modos de ser, de pensar, de sentir, de agir, o meio que as rodeiam. Posto que, "Desenhar objetos, pessoas, situações, animais, emoções, ideias são tentativas de aproximação com o mundo. Desenhar é conhecer, é apropriar-se" (DERDYK, 2015, p.24).

As histórias das crianças por meio de seus desenhos

A imagem por si só, é um tipo de comunicação, uma vez que passa uma mensagem, existe um emissor (a criança), e um receptor (quem irá ler as histórias dessas crianças pequenas). Os desenhos das crianças dirão, falarão histórias, e histórias com /h/ e não com /e/, porque entendemos que as crianças são produtoras de cultura e assim contam histórias reais, verdadeiras, que fazem parte de um mundo que experiencia, vivencia e o interpreta com suas lentes de crianças, possibilitando a outras crianças lerem textos escritos por crianças, dando-lhes a sensação da leitura por contentamento, satisfação, sendo que vão ler escritos de quem realmente sabe de seus mundos.

De acordo com Derdyk (1989, p. 32), desenho é a "representação de formas sobre uma superfície, por meio de linhas, pontos e manchas, com objetivo lúdico, artístico, científico ou técnico: um desenho de criança; o desenho de uma paisagem, um desenho de anatomia; o desenho de um motor."

Num momento inicial, as crianças bem pequenas ainda não conseguem distinguir desenho e escrita, de modo que muitas vezes, ao pedirmos que escrevam uma palavra que denominam um objeto ou animal, desenharam a forma (do objeto ou animal) em foco (MORAES, 2012, p. 55).

Desse modo, temos Bagno (2006) que nos faz refletir sobre o preconceito linguístico na alfabetização. E, Bortoni-Ricardo (2004), que nos dá suporte para promover uma escrita sem inibição, uma escrita livre, por prazer, por deleite, dado que não será tolhido, inibido no seu modo de falar porque é do meio rural ou é pobre, pois, a sua fala será bem aceita, em razão de que cada um carrega, vale frisar, sua identidade linguística. Posto que:

Existem várias classificações referentes aos estágios e fases do desenvolvimento gráfico infantil, tendo em vista parâmetros sociais, culturais, psicológicos, pedagógicos. Existem, enfim, muitas formas e métodos para a compreensão das manifestações gráficas da criança (DERDYK, 1989, p. 48).

Desse jeito, obtemos crianças leitoras de um universo que somente elas sabem ler e que podem se perceber escritoras, visto que sua linguagem não verbal tem algo a dizer, como as demais

linguagens verbais (oral e escrita), contar histórias de crianças e para crianças. Passando seus textos (desenhos) da modalidade que contém em grande parte, imagens, para uma que consideramos verbal (que é a própria escrita).

Na mesma busca de escrever com os símbolos que "vai descobrindo que são os usados para escrever", as crianças começam a usar só letras, embora, em várias ocasiões, ainda misturem letras com números e outros símbolos escritos, ou se permitem "criar letras" (como B com três barrigas, e com mais tracinhos laterais etc.) (MORAES, 2012, p. 56).

Deste modo, destacamos alguns desenhos e a interpretação de cada autor (criança do infantil II).

Figura 1. Desenho de Ágatha e Ellizy



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2022).

Ágatha: *Eu fiz o meu pai e eu, eu fiz eu e meu pai, porque eu amo ele tanto, porque eu gosto tanto dele, eu dou muito carinho pra ele, eu durmo com ele, eu fiz o arco-íris, e também eu fiz o sol, eu fiz eu e papai. E vovó estava em casa.*

Agora eu estou aqui, falando para a senhora, porque eu fiz esse nome aqui para levar para o meu pai, mas não é para levar, é para a tia, porque eu gosto muito de intimidade, eu estudo muito e fico tanto feliz com o meu pai. Eu durmo com ele, eu fico até alegre com ele [...] porque ele me salvou, e não estava morto, ele estava vivo, porque Ele, papai do céu, mandou eu ficar com ele, dormir junto com ele.

[...].

Eu estava com muita saudade dele, muito, muito, muito [...], eu estava com muita saudade dele e com todo carinho, eu dei um abraço nele e dei aquela surpresa que eu ganhei lá da minha escola, da minha escolinha.

E eu estudei muito, muito, muito, que eu tava estudando, compartilhando, brincando, dormindo, almoçando e na hora da saída eu vou pra casa [...] eu vou até ficar feliz com o meu pai. Porque ele chega só de noite, ele chega 4 horas [...]

Porque eu cuido dele. E ele fica mortinho [...] ele está vivo, porque eu gosto muito dele, [...]

Porque eu tenho que ficar na minha escola e depois a Daniele vem me buscar para eu ir pra casa, [...] eu vou pra casa, eu vou me banhar, eu vou comer. Eu já tomei café com o bolo de chocolate.

E também, eu estava bem aqui, eu tava na minha escola, é porque eu estou pintando, e eu estou fazendo tudo isso para a escola estudar, ficar com o pessoal e tudo que eles mandaram porque eu fiquei em casa.

Aí eu já estou na minha escola estudando, [...] brincando muito, muito, eu to pintando, eu estou fazendo as atividades, eu estou fazendo tudo o que meu pai mandou.

Ellizy: *Meu desenho é minha mãe, minha princesa e minha irmã, que mora em são luís lá perto da praia e também tem um monte de flores e pássaros lá em cima no céu e também os nomes que ela fala de mim e da minha irmã também e a minha família inteira, a minha avó, minha mãe, meu pai e minha tia. Também vão gostar do meu desenho [...].*

O meu desenho é lindo, vou pintar colorido, uma princesa colorida e o vestido da minha irmã verde, e também as aves [...]

E também meu pai e minha mãe que eu escrevi, e da minha irmã está aqui [...]. Da minha irmã mais velha, esse aqui é o nome dela, que ela me fala, que ela é uma cigarra que ela faz "zi..zi..", e é isso". (Informação verbal)⁶

Figura 2. Desenho de Isabelle e João Victor



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2022).

Isabelle: *Eu estou na casa da minha avó, com meu irmão e minha irmã e minha mãe e meu pai também e o gato da minha avó, A árvore está fazendo sombra para o gato . E passarinho, ... e tem um boneco aqui... tem um boneco e o filhotinho do gato. Pronto.*

João Victor: *Esse aqui é uma cidade que o carro está indo para cá...está indo para um lugar e esse aqui é um homem que está segurando um pau na boca, mas ele vai vim aqui [...] fazer malabarismo.*

E esse aqui é aquele homem que está indo até aqui [...]

E ainda tem o mato, procurar alguns negócios aí [...]

Essas coisas aqui são umas casas que estão aqui e esse aqui é o céu. (Informação verbal)⁷

6 Respostas das crianças entrevistadas.

7 Id.

Figura 3. Desenho de Adrielly Kethelen



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2022).

Adrielly: *Eu sou Adrielly e quero falar pra vocês uma história. A minha mãe, o meu pai, eu desenhei um bocado de coisa, eu gosto da minha mãe e do meu pai, eu desenhei a flor, desenhei a árvore, o sol, a nuvem, desenhei o meu nome, e terminei.*

Kethelen: *É um arco-íris, uma nuvem, um sol, uma casa, [...] um mato, os pais [...] uma montanha [...]*

A gente gosta do arco-íris quando chove [...] a casa e também ... todo mundo gosta de brincar [...] tem nuvem [...] e também tem ... uma ... a montanha a gente pode subir lá no alto para ouvir tudo lá de cima.

Elisabete: *Essa história representa o amor, e todos que vivem na nossa terra tem que ter de amor. [...] e também a minha mãe e o meu pai são amor para mim. E os meus amigos também. E também toda a minha escola faz parte da minha família. O meu pai quando era pequeno, estudava em salas e minha mãe também.*

E todos os arco-íris é do meu amor pelos meus pais

A minha mãe, ela cuida muito bem de mim quando o meu pai estar trabalhando, e o meu pai também cuida muito bem de mim.

Syane: *Aqui é o sol, aqui é uma casa, aqui é uma grama, aqui mora uma mulher, com o filho, a vovó e o vovô. E aqui nessa casa tem um monte de comida, frutas, maçã, banana, porque essas coisas é muito bom pra saúde. Aqui tem um monte de coisas que eles precisam, algumas coisas, aqui é a grama, a casinha, o sol e aqui é o nome, o meu nome. (Informação verbal)⁸*

Figura 4. Desenho de Elisabete e Syane



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2022).

Figura 5. Desenho de Ícaro e Allyce



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2022).

Ícaro: Jesus na cruz, ele morreu na cruz né, já que ele morreu na cruz, o seu novo Jesus que é o seu novo amigo ajudou e tudo o que aconteceu as suas lagrimas foi chegando e Jesus foi chegando ao seu reino. Então o inimigo, ele nunca venceu e o Deus nunca perdeu batalha. Em tudo disso a gente tem que ir para igreja tem que ir para qualquer lugar da igreja, mas não pra festa não pra alugar nenhum que não é permitido ao Jesus, e assim, sempre a gente tem que ir para a igreja, sempre a gente quer ir para a igreja, então, o amor que vem do nosso coração, é tudo nossa igreja, nosso amor do nosso Deus, pode proteger toda coisa meu Deus, porque as coisas são o teu reino, e todo mundo gosta de ir pra igreja, minha avó, meu pai, qualquer pessoa, pelo menos que a gente sabe que é a nossa família, sabe o que é nosso reino, sabe o que é nosso Deus, sabe o que é qualquer coisa do nosso Deus. Mas a gente não sabe o que não é do nosso reino, a gente não sabe nem o que é que é o nosso reino, só que a gente só conhece o nosso reino

de longe ou de perto, que todos os dias se a gente ficar com ele todos os dias, ele sempre vai amar a gente. Então a gente precisa de qualquer coisa para agradecer o nosso Deus. Amém.

Allyce: *Eu fiz esse arco-íris com a minha mãe, então eu tenho que falar um pouquinho pra minha mãe, pra ela agradecer eu, [...], pra ela não me atrapalhar. Então eu fiz esse arco-íris pra ela, essa casa pra ela, fiz aqui meu nome e umas florzinha, e aqui eu coloquei o nome da minha mãe, e é por isso que eu pinte essa carinha, a minha carinha estava triste [...] tinha uma casa, pintei tudinho aqui, então eu quero falar pra vocês para agradecer a minha mãe, meu pai, meus irmãos então agradecer minhas professoras, e agradecer Deus que me deu um lar, e tudo que eu quero. Amém. (Informação verbal)⁹*

Devemos apontar que as crianças pequenas são capazes de construir suas próprias histórias por meio da linguagem que lhes for peculiar. Nessa perspectiva, refletimos com as crianças o papel da escrita e leitura no seu dia a dia escolar. No que trata sobre as pesquisas com crianças, vale tal compreensão, assim, Cruz; Schramm (2019) apregoam que:

As pesquisas com crianças consideram a infância como construção social e uma variável da análise social que não pode ser divorciada de outras variáveis, como a classe social, o gênero ou a pertença étnica; percebem as crianças como competentes para expressar as suas opiniões, receios, desejos, etc.; acreditam numa forma peculiar das crianças apreenderem e se apropriarem das informações e processos do mundo adulto, num processo de reprodução interpretativa; e têm interesse em captar as perspectivas desses atores sociais (CRUZ; SCHRAMM, 2019, p. 22).

Nessa direção, salientamos que incorpora nosso estudo quando diz que as crianças pequenas realizam suas atividades refletindo suas construções sociais, de modo que podemos, com a presente pesquisa, atender os aspectos das linguagens, como por exemplo, o idioleto, variação diastrática e outros que influem e contribuem para a singularidade linguística.

Logo, é adequado pensarmos o que concebe Wornicov *et al.* (1986, p.11) sobre as características de um leitor infantil:

A criança aprende a vida por meio de sensações e impressões. Tudo que a rodeia, em virtude da animação que empresta às coisas e ao significado que atribui aos seres, adquire o sentido da variedade e da multiplicidade. A vida para ela é um pluriverso.

Escolhemos o que reflete Wornicov *et al.* (1986) e agregamos outros entendimentos que julgamos valiosos a respeito de conhecer as crianças e suas particulares linguagens, consoantes a cada etapa de desenvolvimento. A criança tem um mundo só seu, que advém da vida que dá às coisas por meio da imaginação, logo, conhecer histórias criadas e interpretadas pelas crianças alcança um conjunto de coisas dificilmente pensadas pelo adulto.

Ratificamos a relevância do processo de escuta da criança, tendo em vista que exige o estabelecimento de vínculo, de confiança e sensibilidade para adentrar o rico imaginário infantil, no que concerne aos modos de ver, sentir, compreender e externalizar do universo infantil. Nesse ponto salienta Santos (2022, p.73) "ser criança é um estado de criação, de curiosidade, de investigação e de reinvenção da vida e do mundo".

A escuta se configura como ato político porque envolve relações de poder, decisões da parte de quem escuta [...] a escuta como ato pedagógico funda-se quando a experiência de falar e de ser escutado representa um gesto de acolhimento do ser humano que o escutador tem diante de si (SANTOS, 2022, p.74).

Nesse tocante, Santos (2022) continua sua argumentação apontando sobre a necessidade da escuta de crianças marginalizadas pela desigualdade social, especificamente as oriundas das classes mais baixas, negras, ribeirinhas, quilombolas, indígenas, etc. Respalda-se que o ato da escuta, dentro da concepção bakhtiniana compreende uma ação responsável fundamentada nos parâmetros éticos de relações com outros sujeitos.

Para não finalizar

Diante dos pressupostos apresentados, pode-se depreender que ler e escrever constituem um patrimônio cultural que deve ser disponibilizado a todos, pois a cultura letrada faz parte do nosso cotidiano, entendemos que a leitura e a escrita também interessam às crianças.

É partindo desse pressuposto que concluímos que a Educação Infantil é a etapa inicial do processo de educação em que os primeiros contatos com as diferentes linguagens se dão de modo específico a essa faixa etária, mas sem descuidar das diversas aprendizagens socioculturais que precisam ser favorecidas e ampliadas de forma contínua e integrada que incluem a linguagem escrita. Há perspectivas quanto ao brincar e ao aprender como ações articuladas na infância, que permitem desfazermos a dicotomia mal colocada entre ler, escrever e brincar na Educação Infantil.

As crianças são sujeitos socioculturais e históricos em processo constante e contínuo de desenvolvimento e aprendizagem. Tendo em vista tudo o que foi abordado neste trabalho, temos a certeza que o desenho realmente tem seu valor no processo de construção e desenvolvimento de uma criança, que o desenho está inserido no contexto educacional e devemos utilizar procedimentos e métodos pedagógicos específicos, progressivos, reais apropriados à nossa necessidade onde a responsabilidade do educador é trazer algo significativo, interessante, motivador, envolvente e duradouro, convenientemente adequado à cada faixa etária e, por outro lado, que seja adaptável às necessidades do educando.

Cabe à escola, portanto, valorizar os momentos de criatividade em que as crianças se expressam por meio de desenhos, que manifestam seu conhecimento e aprendizagem.

Referências

BAGNO, M. **A língua de Eulália**: novela sociolinguística. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BARROS, D. F. **Pesquisas com Crianças**. São Luís: [S.l.], 2022. 1 diário de bordo.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BUSS-SIMÃO, M. Pesquisa etnográfica com crianças pequenas: reflexões sobre o papel do pesquisador. **Revista Diálogo Educação**, v. 14, n. 41, p. 37-59, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso: 27 jun. 2021.

CRUZ, S. H. V; SCHRAMM, S. M. O. Escuta da criança em pesquisa e qualidade da educação infantil. **Cadernos De Pesquisa**, v.49. n. 174. p. 16-34, 2019. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/index.php/cp/article/view/6035> Acesso em: 21 abr. 2022.

- DERDYK, E. **Formas de pensar o desenho**: desenvolvimento do grafismo infantil. São Paulo: Editora Scipione, 1989.
- FERREIRO, E.; PALACIO, M. G. **Os processos de leitura e escrita**: novas perspectivas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- FRANCL E. **E as crianças eram difíceis...** A redação na escola. São Paulo, Martins Fontes. 1984.
- GOBBI, M. Desenhos e fotografias: marcas sociais de infâncias. **Educar em Revista**, n. 43, p. 135-147, 2012.
- MIOTELLO, V. **Por uma escuta responsável**: a alteridade como ponto de partida. São Carlos: Pedro & João, 2018.
- PAPI, S. O G. **Professores**: formação e profissionalização. Araraquara, SP: Junqueira & Martin, 2005.
- PEREIRA, A. **Pesquisa de intervenção em educação**. Salvador: Edneb, 2019.
- RIBEIRO, A. E. **Escrever, hoje**: palavra, imagem e tecnologias digitais na educação. São Paulo: Parábola, 2018.
- SANTOS, M. O. Escutar a criança é um ato político-pedagógico. *In*: LEAL, F. L. A; CAMPOS, K.P.B (Orgs.). **O que as pesquisas com e sobre crianças podem nos dizer em tempos de crise?** Campinas Grande: EDUEP, 2022.
- SARMENTO, M. J; PINTO, M. As crianças e a infância: Definindo conceitos, delimitando o campo. *In*: PINTO, M.; SARMENTO, M. J. (Coords.). **As crianças**: 20 Contextos e identidades, 1997.
- WORNICOV, R. *et al.* **Criança-leitura-livro**. São Paulo: Nobel, 1986.

Recebido em 06 de dezembro de 2022.

Aceito em 16 de janeiro de 2023.